

---

## **O Jornalismo Alternativo na cobertura e problematização do caso Luighi Hanri: Análise a partir do *Alma Preta* e *Notícia Preta*<sup>1</sup>**

Alexandre José dos Santos<sup>2</sup>  
Flávio Emanuel I. Freire<sup>3</sup>  
Geilson Fernandes de Oliveira<sup>4</sup>  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

**RESUMO:** Este artigo analisa a cobertura do caso de racismo sofrido pelo jogador do Palmeiras, Luighi Hanri, durante uma partida de futebol na semifinal da Libertadores, no Paraguai. Como recorte empírico, foram selecionadas publicações dos veículos de jornalismo alternativo antirracistas *Alma Preta* e *Notícia Preta*. Para a realização das análises, são utilizados como procedimentos metodológicos a abordagem qualitativa, integrada com métodos exploratórios, descritivo e interpretativo. As análises apontam que as iniciativas jornalísticas mencionadas afastam-se da ideia de neutralidade tradicional, sendo sensíveis às questões raciais e comprometidas com a denúncia das injustiças, contribuindo para a transformação de estruturas sociais e reforço do senso crítico no jornalismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Luighi Hanri; Racismo; Jornalismo; Jornalismo Alternativo, Antirracismo.

### **INTRODUÇÃO**

O jornalismo é uma área que se caracteriza por assumir o papel de compromisso com a sociedade na disseminação de informações. Historicamente, essa prática passou por várias modificações, compreendendo tanto os processos tecnológicos, quanto sociais e culturais, os quais incidem nas formas de se apurar os fatos, produzir as notícias, até os seus modos de consumo. O processo de reconfiguração midiática dos meios tradicionais de comunicação brasileira, do analógico para o digital, oportunizou o crescimento do número de iniciativas jornalísticas que ganham notoriedade devido a um trabalho que visa lidar com as lacunas nas informações que são propagadas pela grande imprensa. Os veículos alternativos, nesse sentido, se sobressaem e assumem as demandas sociais e o compromisso com o interesse público (Carvalho, Bronosky, 2017).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ01- Jornalismo, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus III - Juazeiro/BA. E-mail: josealexandre842@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 9º. semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus III - Juazeiro/BA. E-mail: flaviofreire24@gmail.com

<sup>4</sup> Orientador. Doutor em Estudos da Mídia (UFRN). Docente do curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus III – Juazeiro/BA. E-mail: geilsonoliveira@uneb.br

---

O jornalismo alternativo se configura por adotar um modelo de produção e distribuição de conteúdos não centralizados, indo de encontro ao jornalismo convencional, priorizando pautar questões de grupos minoritários, buscando viabilizar espaços para esse público, muitas vezes não contemplados pelos grandes veículos de comunicação. Assim, iniciativas alternativas possuem maior autonomia e visam fomentar o senso crítico, além de buscar modificar estruturas sociais, indo na contramão dos pressupostos empregados no jornalismo convencional (Carvalho, Bronosky, 2017).

Posto isso, neste trabalho, temos como objetivo analisar os conteúdos veiculados na plataforma *Instagram*, publicados em dois perfis de iniciativas de jornalismo alternativo antirracista, a saber: *Alma Preta* Jornalismo e *Notícia Preta*, a fim de refletir sobre o caso do jogador Luighi Hanri, que atua no time Palmeiras e sofreu ataques de racismo durante uma partida contra o Cerro Porteño, no Paraguai, na semifinal da Libertadores sub-20, em 6 de março de 2025. O interesse é verificar como se deu a cobertura do caso nas iniciativas citadas durante o período de duas semanas a contar da data do acontecimento, atentando para os modos a partir dos quais a situação foi abordada, no sentido de identificar como *Alma Preta* e *Notícia Preta*, enquanto expressões de jornalismo alternativo antirracista, produziram sentidos sobre o episódio.

A proposta parte do projeto de Iniciação Científica “Jornalismo alternativo em plataformas digitais: modelos de negócio e produção de dizibilidades outras”, financiado pelo programa Afirmativa da Pró-Reitoria de Ações Afirmativas (PROAF/UNEB).

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada neste trabalho parte de uma abordagem qualitativa. Como métodos de procedimento, são utilizadas as premissas da pesquisa exploratória, tendo em vista a necessidade de se adentrar e conhecer o campo de análise, seguido pelo uso do método descritivo, levando em conta a relevância de se descrever detalhadamente o objeto empírico de análise, o que é articulado, ainda, com o método interpretativo (Lakatos; Marconi, 2007), momento em que são produzidas as reflexões, inferências e análises. Ressalta-se que todo esse processo é articulado com a pesquisa bibliográfica, essencial para a construção de bases teóricas, epistemológicas e metodológicas.

---

Combinado a esses métodos de procedimentos, também foram utilizadas técnicas de coleta de dados, como a observação e extração de dados, visando a construção de um *corpus* para análise. A partir desses procedimentos, considerando o recorte temporal de duas semanas, foi realizada uma análise das publicações sobre o caso junto ao *Alma Preta* e *Notícia Preta* no *Instagram*, plataforma selecionada devido ao seu uso periódico pelas iniciativas mencionadas e também devido ao seu alcance. Nesse período, foram coletadas 2 publicações do *Alma Preta* e 4 do *Notícia Preta*.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O modelo de jornalismo tradicional é pautado pela prática da objetividade e do positivismo, o que reforça estruturas de opressão e contribui para a naturalização das desigualdades sociais. Segundo Moraes e Veiga da Silva (2019, p. 2), esse modelo colabora “para a manutenção e opacificação de ideologias como o machismo e o racismo”. Dessa forma, o jornalismo reproduz valores dominantes e hierarquias herdadas dos períodos iluminista e colonial, estabelecendo-se como forma de produção de conhecimento baseada no uso da razão como verdade absoluta. Essa concepção representa “algo como real e imutável (universal) sobre nossas mentes e/ou a estrutura do mundo natural” (Macedo, 2011 apud Moraes, Veiga da Silva, 2019, p. 5).

Em contrapartida, a subjetividade orienta o fazer jornalístico de iniciativas que se denominam alternativas, ao priorizarem a produção de conteúdos voltados para grupos marginalizados. Nesses casos, o sujeito se torna “central nos processos cognitivos de leitura da realidade, rompendo com a noção de neutralidade e universalidade na qual se assenta epistemologicamente” (Moraes, Veiga da Silva, 2019, p. 14).

Nesse contexto, o conceito de decolonialidade se apresenta como ferramenta teórica e política indispensável para a análise de práticas de resistência epistêmica e cultural desenvolvidas por grupos historicamente subalternizados no âmbito da modernidade/colonialidade. Para Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2018), a decolonialidade não se restringe ao campo acadêmico, mas está imbricada nas lutas concretas das populações negras, indígenas e afrodiaspóricas que, há mais de quinhentos anos, produzem formas próprias de existência, saber e resistência frente à lógica eurocêntrica do conhecimento universalizado.

---

A perspectiva decolonial denuncia a permanência da colonialidade como matriz de poder, tendo em vista que, embora o colonialismo formal tenha se encerrado, continua estruturando as relações de saber, ser e poder no sistema-mundo capitalista, patriarcal, cristão-cêntrico e ocidental-cêntrico (Grosfoguel, 2018). Tal estrutura impõe uma hierarquia ontológica e epistêmica que desqualifica populações não brancas como sujeitos cognoscentes, reduzindo seus saberes a uma condição inferior ou mesmo inexistente. Como destaca Maldonado-Torres (2018), essa desqualificação é acompanhada pela negação ontológica, ou seja, pela recusa do direito à existência plena desses sujeitos.

No campo do jornalismo, essa lógica de dominação epistêmica se manifesta por meio da construção de um padrão de neutralidade e objetividade que oculta os pontos de vista das populações racializadas, silenciando suas experiências e visões de mundo. O jornalismo tradicional, ao reproduzir esse paradigma eurocentrado, ignora a historicidade e a corporeidade dos sujeitos racializados, sustentando uma “universalidade” que, na prática, corresponde à visão dos grupos dominantes (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres, Grosfoguel, 2018).

Por outro lado, iniciativas de jornalismo alternativo antirracista, como *Alma Preta* e *Notícia Preta*, concretizam uma prática decolonial ao romper com o modelo hegemônico e se ancorar nas experiências e narrativas da população negra. Esses veículos desafiam a geopolítica do conhecimento ao deslocar o *locus* de enunciação para sujeitos e coletivos historicamente marginalizados, assumindo uma postura explícita de denúncia e transformação social, como evidenciado na cobertura do caso de racismo sofrido por Luighi Hanri. Esse reposicionamento do olhar jornalístico articula-se com o conceito de corpo-política do conhecimento, segundo o qual os saberes e práticas produzidos por sujeitos racializados não apenas contestam a epistemologia hegemônica, mas também afirmam outros modos de existir e conhecer, baseados em suas vivências históricas e cosmologias próprias (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres, Grosfoguel, 2018).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A iniciativa de jornalismo alternativo *Alma Preta* é uma agência de comunicação especializada na temática étnico-racial. Criada no ano de 2015, faz cobertura da

realidade brasileira a partir da perspectiva do olhar de jornalistas negros e produz conteúdos em diferentes formatos sobre diversos assuntos, como segurança, direitos humanos, cultura, comportamento, política, entre outros. Também atua com a missão de informar a sociedade a partir da perspectiva racial negra e periférica, e responde aos anseios desse público com notícias multimídia, veiculadas por meio de seu *site* e plataformas de redes sociais.

Desse veículo, foram coletadas duas publicações veiculadas na conta do *Instagram* (@almapretajornalismo) sobre o episódio de racismo vivenciado por Luigi Hanri, durante uma partida de futebol na semifinal da Libertadores, no Paraguai. A primeira publicação foi realizada em 7 de março de 2025, dia seguinte do ocorrido. Em um vídeo, no formato de *reels*, o jogador aparece em uma coletiva de imprensa e é questionado sobre a partida de futebol pelos repórteres, quando Luigi, surpreso com as perguntas “técnicas” sobre o jogo, as quais desconsideraram a ocorrência de racismo durante a partida, com a voz embargada contesta e devolve com o seguinte questionamento: “Você não vai perguntar sobre o ato de racismo que fizeram comigo?”<sup>5</sup>. Logo em seguida, o jogador começa a chorar e a problematizar o ocorrido. Na legenda que acompanha o *post*, o jornalista Patrick Silva, do *Alma Preta*, explicou o episódio utilizando uma linguagem clara, apontando o ato de racismo, afirmando não se tratar de um caso isolado e destacando que o termo “macaco” havia sido usado pelos torcedores adversários, demonstrando, portanto, uma abordagem distinta da utilizada pelos jornalistas que questionaram Luigi tão somente pela partida de uma forma “técnica”, como se nada mais tivesse acontecido (fig. 1).

#### **Figuras 1 e 2: Publicações do *Alma Preta*.**

---

<sup>5</sup> Conforme informações disponíveis em: <https://www.instagram.com/almapretajornalismo/reel/DG51n-4MOCO/>  
Acesso em 24 abr. 2025.



Fonte: Prints produzidos pelos autores a partir de publicações realizadas pelo *Alma Preta* em 7 e 16 de março de 2025.

A segunda publicação sobre o caso no *Alma Preta* foi feita em 16 de março de 2025<sup>6</sup> (fig. 2). Trata-se de um *post* com uma fotografia do atleta em campo protestando, usando o gesto de punho cerrado que, simbolicamente, é um ato histórico de resistência contra as opressões, usado com frequência pela população negra. A imagem está acompanhada da manchete: “Como erradicar o persistente racismo no futebol?”. A reportagem é assinada por Felipe Ruffino, que relata que o futebol continua sendo palco para atitudes racistas e propõe alternativas para combater a discriminação no esporte.

Por sua vez, na iniciativa *Notícia Preta*, foram observadas quatro publicações sobre o acontecimento. Fundado em 2018, o *Notícia Preta* é um jornal alternativo antirracista feito por estudantes e comunicadores que entendem que por meio da comunicação “[...] é possível ter uma sociedade mais justa e com equidade racial”<sup>7</sup>. Além do portal de notícias, o veículo trabalha com a Escola de Comunicação Antirracista, trazendo olhares e perspectivas que se diferem dos grandes conglomerados de mídia, produzindo conteúdos multimidiáticos em plataformas e aplicativos de conversação. Com o objetivo não apenas de comunicar, mas também educar, o veículo entende que não existe uma transformação sem educação e que o jornalismo também tem o papel educativo. Assim, utiliza-se da Escola Antirracista para ensinar técnicas de comunicação não violentas aos que estão entrando no mercado.

<sup>6</sup> Conforme informações disponíveis em: [https://www.instagram.com/almapretajornalismo/p/DHQ7XsWo\\_zF/](https://www.instagram.com/almapretajornalismo/p/DHQ7XsWo_zF/)  
Acesso em: 24 abr. 2025.

<sup>7</sup> Conforme disponível em: <https://noticiapreta.com.br/quem-somos/> Acesso em: 25 abr. 2025.

Considerando essas informações, passemos, então, para a análise das quatro publicações veiculadas no *Instagram* do *Notícia Preta* sobre o caso de racismo sofrido por Luighi Hanri. Duas publicações foram realizadas no dia 7 de março<sup>8</sup>, sendo a primeira um *post* no qual o veículo denuncia diretamente o ataque sofrido pelo jogador. A publicação relata os atos racistas praticados por torcedores do Cerro Porteño, como sons imitando macacos, cusparadas e ofensas verbais, caracterizando o episódio como mais uma expressão do racismo estrutural presente no futebol latino-americano (fig. 3).

**Figura 3: Publicação do *Notícia Preta*.**



Fonte: *Print* produzido pelos autores a partir de publicação realizada pelo *Notícia Preta* em 7 de Março de 2025.

A segunda publicação, do mesmo dia, destacou o desabafo do próprio jogador, que expressou sua indignação com a pergunta: “Até quando vamos passar por isso?” Além disso, foi relatado que Luighi deixou o campo aos prantos, evidenciando o impacto emocional da violência racial (fig. 4).

<sup>8</sup> Disponíveis em: <https://www.instagram.com/noticia.preta/p/DG54tCAyTvQ/> e <https://www.instagram.com/noticia.preta/reel/DG6NaDAuhWZ/> Acesso em: 24 abr. 2025.

**Figura 4: Publicação do *Notícia Preta*.**



Fonte: *Print* produzido pelos autores a partir de publicação realizada pelo *Notícia Preta* em 7 de Março de 2025.

A terceira publicação, do dia 17 de março<sup>9</sup>, abordou a ausência de posicionamento da grande mídia esportiva e de parte dos jornalistas que estiveram presentes na cobertura do jogo. A crítica recai especialmente sobre a omissão de um repórter estrangeiro que ignorou o episódio durante a entrevista pós-jogo, o que contribui para uma narrativa de silenciamento e negligência midiática (fig. 5).

**Figuras 5 e 6: Publicações do *Notícia Preta*.**



Fonte: *Prints* produzidos pelos autores a partir de publicações realizadas pelo *Notícia Preta* em 17 e 20 de Março de 2025.

Já a quarta publicação (fig. 6), em 20 de março<sup>10</sup>, trouxe um desdobramento do caso: a abertura de um inquérito civil pelo Ministério Público Federal, bem como o

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/noticia.preta/reel/DHTrGsNuu7x/> Acesso em: 24 abr. 2025.

<sup>10</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/noticia.preta/p/DHbUBUWT7\\_v/](https://www.instagram.com/noticia.preta/p/DHbUBUWT7_v/) Acesso em: 24 abr. 2025.

posicionamento oficial do Palmeiras em apoio ao jogador. Nessa publicação, o *Notícia Preta* destaca a força mobilizadora do jornalismo alternativo, que impulsionou a repercussão do caso e pressionou por respostas institucionais. Ao dar visibilidade às ações subsequentes, o veículo reafirma sua função social como instrumento de justiça.

A partir dessas postagens, é identificado um enquadramento denunciativo, com destaque na violência racial sofrida pelo atleta. As postagens utilizam recursos de linguagem que reforçam o caráter discriminatório do ato – como os termos “cusparadas”, “imitando macacos” e “chamado de macaco” – e situam o episódio dentro de um contexto mais amplo de racismo estrutural, especialmente no futebol.

Essa forma de abordagem do caso pelas iniciativas *Alma Preta* e *Notícia Preta* aponta para o papel do jornalismo alternativo enquanto agente de produção de outras visibilidades e dizibilidades (Figaro, Nonato, 2021; Albuquerque Júnior, 2009). Afora esse aspecto, também reforça a relevância de um jornalismo engajado, posicionado e atento ao papel da subjetividade para produzir e narrar os fatos e acontecimentos (Moraes, 2022). Isto é demonstrado quando levamos em consideração que o jornalismo tradicional, inicialmente, sequer se propôs a abordar a situação de racismo vivenciada pelo jogador, o que, por sua vez, se tornou ponto de problematização para o jornalismo alternativo e antirracista.

A repercussão do caso, refletida na abertura de inquérito civil pelo MPF e no posicionamento do clube do jogador, mostra que o conteúdo produzido pelo jornalismo alternativo desempenha papel fundamental na mobilização da opinião pública e na pressão por respostas institucionais. Nesse sentido, as publicações analisadas se alinham a uma perspectiva decolonial (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres, Grosfoguel, 2018), ao questionar quem tem o direito de narrar os fatos e ao valorizar a experiência vivida e a voz do jogador racializado como fonte legítima de verdade.

## CONCLUSÃO

Com o declínio do jornal impresso e a ascensão da plataformização no jornalismo, os novos arranjos jornalísticos passaram a contar com novas possibilidades e maior reconhecimento na mídia. Ao serem acessados por meio de dispositivos móveis e redes sociais, ampliaram sua audiência e reformularam as dinâmicas de circulação da informação, além de ser uma forma de exercer um jornalismo contra-hegemônico, se

opondo às injunções mercadológicas, pautando questões sociais e dando visibilidade a grupos historicamente minorizados (Figaro, Nonato, 2021).

Dito isso, as postagens analisadas reforçam uma prática jornalística engajada, sensível às questões raciais e comprometida com a denúncia das injustiças, afastando-se da ideia de uma neutralidade para o jornalismo. O caso de Luighi, portanto, torna-se um exemplo potente de como o jornalismo pode assumir um papel crítico e formador de consciência social. As iniciativas de jornalismo alternativo representam, nesse sentido, um viés que alimenta o pensamento crítico, o que é fomentado por meio da valorização de aspectos muitas vezes não contemplados pelo jornalismo convencional, com destaque para a promoção de um jornalismo que é posicionado, reconhecendo a impossibilidade da objetividade em sua inteireza.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, D. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2009.
- BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- CARVALHO, G.; BRONOSKY, M. E. Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital. *Pauta Geral: Estudos em Jornalismo*, v. 4, n. 1, p. 21–39, 2017.
- FIGARO, R.; NONATO, C. (Orgs.). *Arranjos jornalísticos alternativos e independentes no Brasil: organização, sustentação e rotinas*. São Paulo: ECA-USP: Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2021.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 2007.
- MORAES, F. *A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza*. Porto Alegre-RS: Arquipélago Editorial, 2022.
- MORAES, F.; SILVA, M. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. *Encontro Anual da COMPOS*, v. 28, 2019.